

Quem come bem no Clube de Paris

Klaus Kleber*

Os governos dos países desenvolvidos deveriam deixar de inventar razões de cabo-de-esquadra para justificar o tratamento altamente favorecido que vêm dando à Polônia com relação à sua dívida externa. O presidente do Clube de Paris, Jean-Claude Trichet, teve o desplante de dizer, por exemplo, à ministra Zélia Cardoso de Mello, em encontro na semana passada, que o Brasil deveria compreender que o desconto de 50% na dívida polonesa de governo para governo era justificado pela baixa renda do país beneficiário. Trichet obsequiou a ministra com outra pérola de cinismo ao comparar a situação da Polônia à do Egito, que deve também receber um perdão dos deuses.

Ou Trichet possui informações privilegiadas ou as instituições internacionais vêm divulgando estatísticas não confiáveis. Segundo o relatório sobre a pobreza, editado no ano passado pelo Banco Mundial, o Egito é, sim, um país de baixa renda (US\$ 660, per capita). Mas se a Polônia é muito pobre, com uma renda per capita de US\$ 1.860, o Brasil também não deixa de ser (US\$ 2.160, per capita).

As cifras são relativas a 1988, mas certamente a economia da Polônia não se deteriorou a ponto de transformá-la em um Egito do Leste europeu. Se a Polônia retrocedeu o Brasil não o fez por menos, como



mostra a rebarbativa redução de 6,5% do PIB per capita em 1990.

Incrível, mas Trichet também se queixou à ministra Zélia de que o Brasil não teve, no Clube de Paris, uma atitude de "credor" e sim de "devedor". Bem, por um desses descuidos dos regimes militares, acabamos credores de US\$ 4 bilhões da Polônia, mas nunca chegamos a ser levados a sério nessa condição.

O Herald Tribune (16-17/3), ao noticiar a dívida à Polônia, menciona como principais credores daquele país a Alemanha, a Austria, a França, o Canadá e os Estados Unidos. O brilhante repórter do jornal esqueceu-se do Brasil.

Contudo, ele se lembrou de mencionar que 75% da dívida polonesa é devida a governos, o que coloca aquele país numa posição completamente diversa da dos latino-americanos, cujos débitos, em sua maior parte, foram contraídos junto a credores privados. E nos informa que o governo de Varsóvia, ao resolver em 1981 decretar moratória da dívida junto a governos, deliberou também manter o serviço da dívida junto aos bancos comerciais.

Talvez esteja aí a chave. Se você paga aos bancos privados, acaba tendo direito a perdão dos governos de uma grossa fatia do que lhes é devido. Para os marxistas que governavam a Polónia no início da década de 80, não terá sido difícil concluir que, nas grandes democracias do Ocidente, quem está no poder é a burguesia financeira.

* Editor-adjunto deste jornal.